

ONG S.A., multinacional sem fim lucrativo

■ Apelo das boas causas e popularização da Internet transformaram as organizações não-governamentais em grandes empresas

MARCELO CARNEIRO*

Sempre que o Itamarati anuncia uma nova viagem ao exterior do presidente Fernando Henrique Cardoso, em algum ponto do planeta acende-se uma luz na tela de um computador. Nesse momento, tem início uma operação que geralmente termina em cartazes e palavras de ordem como "basta de meninos de rua assassinados". Foi assim, por exemplo, na Bélgica, onde no mês passado o presidente passou pelo constrangimento de ver-se fotografado ao lado de um grupo de militantes que pedia o fim dos grupos de extermínio no Brasil. Por trás dessas manifestações, há duas intuições típicas deste fim de século: Internet e Organizações Não-Governamentais. Juntas, elas são capazes de mobilizar rapidamente a opinião pública de qualquer país. Na prática, criaram as ONGs S.A..

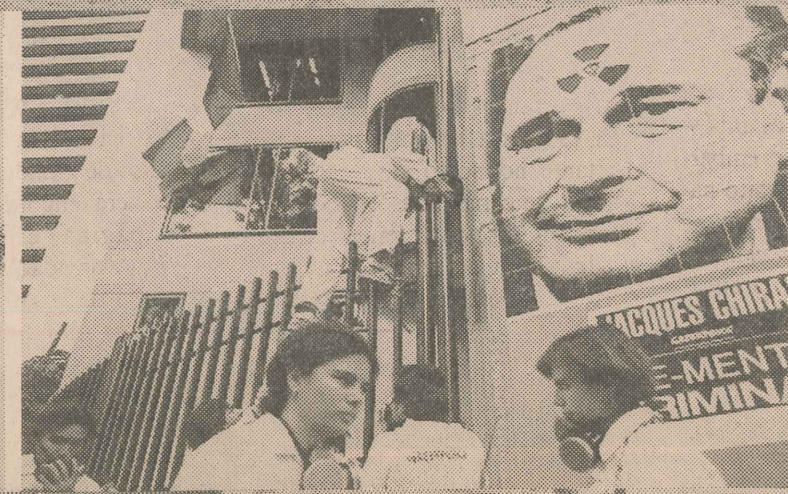
Só nos Estados Unidos, existem atualmente 785 mil entidades deste tipo, que atingem com seus projetos cerca de 20% da população do país. Isso quer dizer que pelo menos 50 milhões de americanos já deram dinheiro ou participaram de trabalhos voluntários para alguma ONG. Esse mercado da solidariedade e defesa de causas como os direitos humanos e o meio ambiente movimenta anualmente 20 bilhões de dólares, ou quatro vezes o faturamento anual da Petrobrás, maior estatal brasileira. Na Europa, o número de ONGs é menor — 400 mil — e o orçamento chega a US\$ 10 bilhões.

Na ponta destas cifras, está um poder de comunicação sem fronteiras. Da mesma maneira que tornou mais ágeis transações bilionárias envolvendo bancos japoneses e megaempresas americanas, o surgimento da Internet também fez explodir a febre da comunicação entre as ONGs de todo o mundo, tornando possível, por exemplo, que um grupo de ambientalistas do Mato Grosso troque idéias com militantes ecológicos da World Wide Fund for Nature (WWF), o Fundo Mundial para a Conservação da Natureza, maior organização de defesa do meio ambiente, com sede em Londres.

Orçamento —Esse intercâmbio na era eletrônica foi fundamental para o desenvolvimento das ONGs brasileiras, e especialmente de uma, o Instituto Brasileiro de Análises Sócio Econômicas (Ibase), dirigido pelo sociólogo Herbert de Souza. "A popularização do computador começou no fim dos anos 70 e início dos 80. Nessa época, o Betinho e o Carlos Afonso vieram do exílio com dois micros na mala e fundaram o Ibase", conta Cândido Grzybowski, diretor do Instituto.

Hoje, o Ibase tem um orçamento anual de R\$ 3,5 milhões. Metade deste dinheiro chega através de agências internacionais, especialmente da Holanda e da Alemanha. A outra parte é complementada por recursos próprios, entre eles a cobrança dos serviços do Alternex — sistema de acesso à Internet controlado pelo Ibase, que já conta com 5 mil usuários.

A Internet serve tanto para gerar dinheiro como para multiplicar o poder de mobilizar a mídia, servindo de base para as ações espetaculares das ONGs. Nos Esta-



ONGs como a Greenpeace atuam em todos os pontos do mundo, como no Rio de Janeiro (acima), no atol de Muroroa, em frente à Embaixada da França na México (ao lado) ou na Praça da Paz Celestial, em Pequim

dos Estados Unidos, no início da década, as reportagens que citavam ONGs não passavam de 500. Ano passado, esse número foi cinco vezes maior.

A resposta para este fascínio da mídia pelas ONGs está na agressividade das organizações. Quando a ONG londrina Christian Aid publicou um anúncio nos jornais ingleses semana passada, denunciando que uma família de bóias-frias brasileira colhe 40 quilos de café num dia para ganhar cerca de R\$ 5, a embaixada em Londres protestou imediatamente, afirmando que as ONGs distorcem a realidade para receber donativos. Criou-se mais um escândalo para recheiar os jornais britânicos.

A maior e mais importante organização de defesa dos direitos humanos é a Anistia Internacional, que tem mais de 1 milhão de sócios e doadores. Seu orçamento para 1995, de cerca de R\$ 25,3 milhões, vem inteiramente de doações, sócios e assinaturas, já que são vetadas as contribuições de governos ou grandes corporações. Em 1961, seu primeiro ano de existência, a Anistia gastou apenas 6 mil libras (cerca de R\$ 9,4 mil) para “adotar” 210 presos políticos de quatro países, enviando delegações que lutavam pela sua liberdade. Recentemente, estava cuidando dos casos de 6.837 pessoas perseguidas em 94 pontos do planeta.

Ursos panda — Mas é o meio ambiente o tema que mais desperta generosidade em todo o mundo. Neste setor, quem se destaca é o WWF, considerada a maior ONG ambientalista do mundo. Com um *staff* permanente de mais de 2 mil funcionários e operando em mais de 100 países de todos os continentes, o WWF foi fundado em 1961, a partir de uma campanha promovida na China para preservação dos ursos panda.

Hoje, o Fundo é uma superpotência não-governamental, reunindo em torno da causa ecológica empresários, banqueiros e políticos. Isso permite ao WWF manter a dianteira na composição do seu orçamento que, no ano passado, chegou a 300 milhões de dólares. Os funcionários da WWF recebem salários variados, de acordo com sua função e com a realidade do país em que a organização atua. Enquanto um guarda-florestal da Costa do Marfim ganha US\$ 50, o salário de um alto quadro da WWF britânica pode chegar a US\$ 5 mil.

Outra grande entidade ambientalista, o Greenpeace, também leva à frente sua luta ecológica — especialmente em campanhas contra o uso industrial de produtos tóxicos — sustentada por rios de dinheiro. Com 45 escritórios instalados em 32 países, o Greenpeace tem 1 mil funcionários, com média salarial de US\$ 3 mil para os quadros de direção.

Nos últimos três anos, entretanto, o Greenpeace teve seu orçamento brutalmente afetado. Nesse período, a recessão que atingiu os países ricos provocou a redução do número de sócios. De quase 5 milhões, em 1991, eles passaram a ser 3,1 milhões, em 1994. “A guerra no Golfo, por exemplo, que foi combatida pelo Greenpeace, teve um grande impacto nas nossas finanças. Como boa parte dos associados era de americanos simpatizantes da guerra, perdemos em um ano cerca de 700 mil filiados”, conta Paulo Adário, diretor de desenvolvimento do escritório brasileiro da entidade. Mesmo assim, a previsão de orçamento para 1996 é de US\$ 120 milhões. É muito dinheiro. O suficiente para ligar mais um computador e dar a senha: está na hora de enfrentar mais um presidente em nome de uma boa causa.



Captador de recursos, uma peça-chave

Para sustentar todo esse sistema planetário de comunicações e profissionais qualificados a serviço das ONGs, entra em cena um personagem ainda pouco conhecido no Brasil: o *fund raiser*, ou seja, o captador de recursos. Nos Estados Unidos, já há cursos universitários de formação de *fund raiser* e revistas especializadas no assunto. Atualmente, estes caçadores de dólares usam todo tipo de artifício para arrancar dinheiro em favor das ONGs. O Greenpeace do Canadá, por exemplo, já tem programas para arrecadação de recursos provenientes de heranças milionárias. Outra novidade são os financiamentos multilaterais, que envolvem vários governos. Atualmente, 50% dos empréstimos do Banco Mundial para o Terceiro Mundo são destinados às ONGs.

Gerenciamento — O problema da circulação dessa grande quantidade de dólares é que não existe em qualquer lugar do mundo uma base de dados ou registro completo que identifique as ONGs ou um órgão que determine quais são essas organizações ou que papel desempenham e se são desonestas no gerenciamento de seus orçamentos. Na medida em que tais organizações assumem um papel cada vez maior na administração de programas sociais e ambientais, administrando verbas de governos e instituições financeiras como o Banco Mundial, a

falta de um gerenciamento central pode se tornar bastante problemático.

“Eu não acho que haja grande magia nas ONGs, e tenho certeza que há ONGs boas e ONGs ruins”, disse esta semana ao **JORNAL DO BRASIL** James Wolfensohn, o novo presidente do Banco Mundial, instituição com a qual as ONGs sempre tiveram um relacionamento difícil, e que tem como uma de suas metas atuais desenvolver uma maior cooperação. Se hoje o Ban-

co Mundial já destina às ONGs 50% de seus recursos que chegam aos países pobres, nas décadas de 70 e 80 esse número não passava de 8%.

Até no Congresso americano, que procura por todos os cantos formas de reduzir o orçamento, há um consenso de que as organizações não-governamentais — que incluem também organismos de caridade — devem assumir um papel cada vez maior no sistema de previdência social.

As oito grandes

As maiores organizações não-governamentais do mundo movimentam anualmente uma verba que passa de 1 bilhão de dólares



Ong's	Filiais	Funcionários	Sócios	Orçamento (em US\$)
Médicos Sem Fronteira (França)	6	3.260	800 mil	306 milhões
World Wide Fund (Suíça)	47	2 mil	5 milhões	300 milhões
Oxfam (Inglaterra)	70	-	30 mil	163 milhões
Greenpeace (Holanda)	45	1 mil	3,1 milhões	139 milhões
Christian Aid (Inglaterra)	40	200	250 mil	90 milhões
Anistia Internacional (Inglaterra)	55	320	1 milhões	27 milhões
Sierra Club (EUA)	400	294	550 mil	49,9 milhões
Human Rights Watch (EUA)	8	100	-	9 milhões

A mesma história se repete na arena internacional. Em março deste ano, o vice-presidente dos EUA, Al Gore, disse durante uma Conferência da ONU em Copenhague que o governo de Bill Clinton aumentou a percentagem de assistência financeira internacional distribuída através de ONGs de 17% para 30%. Até o fim do século, a taxa deve subir para 40%.

A proliferação de ONGs no mundo tem a ver com a abertura dessa torneira financeira. Desde o final da Guerra Fria, durante a qual a assistência financeira era usada como arma e garantia de lealdades políticas sem consideração a seu impacto social, os EUA e outros países ricos procuram formas mais eficientes de canalizar verbas de assistência. Daí o crescimento das ONGs.

Especialista — Além do dinheiro que recebem de governos, a maior parte do financiamento das ONGs nos EUA vem de doações individuais, que ano passado somaram US\$3 bilhões para organizações de assistência e desenvolvimento. É nessa hora que os *fund raisers* assumem seu papel. “Conheci um inglês que trabalhava na WWF e apresentou, num jantar em Londres, um vídeo sobre maus tratos a animais. Só naquela noite, ele conseguiu arrecadar US\$ 4 milhões. Um profissional desses vale ouro”, diz Paulo Adário, do escritório brasileiro do Greenpeace, convencido de que em pouco tempo surgirão os primeiros *fund raisers* tupiniquins.

***Participaram:** Kido Guerra (Bruxelas), Nelson Jobim (Londres), Flávia Sekle (Washington) e Any Bourrier (Paris)